

entre águas: um ensaio para a guanabara

Guilherme Rodrigues
FAU/UFRJ

Flavia de Faria
Doutoranda PROURB, FAU/UFRJ

Raquel Tardin
PROURB, FAU/UFRJ

Resumo

O presente trabalho deriva da primeira etapa de um trabalho final de graduação em andamento, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação das professoras Raquel Tardin e Flavia de Faria. Objetiva revelar valores da paisagem da Baía de Guanabara, muitos dos quais ocultos aos olhos da metrópole do Rio de Janeiro, através da possibilidade de se estabelecerem novos olhares para essa paisagem, evidenciando os “entre pontos” da mesma. A proposta se estrutura na identificação de tais valores e em possibilitar o reconhecimento destes, a fim de proporcionar a experiência de vivenciar e desvelar os seus mais diversos fragmentos e camadas que, somados e sobrepostos, constituem essa paisagem tão extensa e heterogênea. O processo metodológico se constitui na leitura e diagnóstico da Baía de Guanabara através de três diferentes meios de aproximação: o tempo, a forma e o percurso. A partir de então, verifica-se a possibilidade de identificação de alguns recortes particulares dessa paisagem que, ordenados sistematicamente, seriam capazes de gerar narrativas e revelar tais valores, sejam eles desconhecidos ou reconhecidos. Assim, indicam-se algumas possibilidades de instalações de arte e arquitetura que permitam a aproximação e experimentação desses novos espaços de água, antes negligenciados e até mesmo ocultos aos olhos da segunda maior metrópole brasileira, permitindo assim que se possa entendê-la como parte integrante da cidade e da vida cotidiana dos habitantes ao seu redor.

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa.

—Bachelard, *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, 1942.

Introdução

O trabalho objetiva revelar valores da paisagem da Baía de Guanabara, muitos dos quais ocultos aos olhos da metrópole do Rio de Janeiro, através do olhar para essa paisagem, evidenciando os “entre pontos” da mesma, desde os reconhecidos até os desconhecidos. A proposta se estrutura na identificação de tais valores e em possibilitar o reconhecimento dos mesmos através da arquitetura e da arte como dispositivos para a criação de múltiplas vivências e narrativas individuais ou coletivas. Isso se dá por meio da proposição de um circuito aberto que incita a revelação de valores da Baía, sobretudo, os invisíveis, ao permitir o reconhecimento destes desde o posicionamento do indivíduo ou do coletivo no interior das águas da Guanabara, para assim, enxergá-la e poder ver a cidade ao redor a partir dessas novas perspectivas e experiências reveladas.

Desse modo, assim como qualquer obra de arte se propõe em sua síntese intencional, o projeto pretende gerar inquietação e curiosidade aos interlocutores, convidando-os a descobrir e se aproximar de cada um destes dispositivos, que constituem o complexo, e que podem sugerir diversas vivências e narrativas sobre os mais variados recortes dessa paisagem. Assim, a partir do percurso e da experiência das obras se possibilita a atribuição de novos significados a essas águas, que passam a se mostrar repletas de



Figura 1. O despertar das águas da Guanabara. Guilherme Rodrigues, 2019.

valor e memória, e que podem ser apropriadas, vividas e experimentadas por qualquer pessoa que por elas se permita navegar.

A escolha pela Baía de Guanabara enquanto área de intervenção para o projeto, justifica-se com base na compreensão desta como uma paisagem altamente singular e influente na construção da imagem e da cidade do Rio de Janeiro e, a partir disso, pela constatação de que no decorrer das últimas décadas, essa mesma Baía encontra-se profundamente minimizada e negligenciada.

A justificativa em abordá-la em sua totalidade, e não por partes como uma ilha ou uma orla isoladamente, devido ao entendimento de que só podemos atingir a almejada mudança do olhar negativo que se tem sobre ela hoje, a partir da compreensão da mesma enquanto todo, enquanto uma paisagem sistêmica (Tardin 2018) e com corpo próprio. Acredita-se que, a partir do reconhecimento de que essa paisagem pertence à cidade e a cada uma dessas pessoas, é que se pode dar início a um raciocínio de atribuição de valor e, por conseguinte, permitir que novos olhares e pensamentos colaborem para a preservação dessas águas.

O projeto busca promover o acesso mais amplo e democrático possível, preocupando-se para que não se torne um circuito exclusivamente turístico e restrito, mas que ao invés disso, possa

proporcionar o reconhecimento dos valores dessa paisagem a todos e, principalmente, à grande população metropolitana do Rio de Janeiro.

Metodologicamente, este processo estrutura-se a partir de três atos: o reconhecer, o evidenciar e o vivenciar. O primeiro deles, o reconhecer, constituiu-se em toda a etapa de investigação e análises sobre a Baía de Guanabara e seu entorno imediato, buscando encontrar os valores presentes nessa paisagem, através do tempo, das águas e do percurso. O segundo momento, o evidenciar, ocupa-se da aproximação e definição desses dispositivos, de modo a identifica-los e relacioná-los entre si, de acordo com seus valores mais proeminentes. E o terceiro e último ato, o vivenciar, esboça algumas possibilidades, ainda que plásticas e experimentais, de como poderia se dar essa experiência de habitar as águas da Guanabara. Isso se apresenta através de relações de aproximação dos interlocutores em direção a esses dispositivos, posicionando-os em pontos estratégicos contíguos a esses recortes particulares da paisagem que, ao serem lidos e interpretados, revelam a comunicação de alguns conteúdos chave sobre cada um daqueles dispositivos, que somados, conformam o entendimento e compreensão completos sobre a história e a poética das águas da Guanabara.

O reconhecer, o evidenciar e o vivenciar

Iniciando as análises através do tempo, propõe-se uma investigação histórica sobre a Baía e seu contexto, que parte do momento atual em direção ao passado, até encontrar os antecedentes da colonização. Desse modo, objetiva-se organizar tais acontecimentos através de uma linha do tempo, que os apresenta em grupos a partir de quatro valores: produtivos, infraestruturais, culturais e ambientais; divididos em quatro temporalidades distintas que indicam mudanças de práticas na construção da paisagem da Baía de Guanabara ao longo do tempo: o preservar, o globalizar, o estruturar e o ocupar.

Em seguida, apresenta-se o estudo das águas, que se conforma por meio de uma série de análises territoriais com ênfase nesse elemento, e que resultam na chamada cartografia da água, constituída de mapas que buscam perceber as múltiplas características e particularidades das águas da Guanabara. Nesta cartografia se analisam aspectos tais como: a bacia hidrográfica, a batimetria, os aterros, a poluição e as dinâmicas e usos da Baía de Guanabara, que, interrelacionados, apresentam-nos as áreas permitidas e não permitidas para navegação e as áreas passíveis de posterior utilização por parte dos dispositivos e circuitos propostos.

Concluindo a etapa de diagnóstico, já com um princípio de caráter propositivo, ainda que dentro deste primeiro módulo investigativo, realiza-se uma aproximação ao local mediante um percurso de reconhecimento. Realizado a bordo de um barco, esse percurso propõe uma imersão na paisagem da Guanabara, buscando alcançar a experiência de vivenciar e compreender um pouco mais as atividades e atributos do lugar. Esse processo resultou na construção de uma sucessão de imagens que apresenta uma narrativa dessa experiência, realizada através de ensaio fotográfico que revela os espaços desconhecidos e reconhecidos da Baía de Guanabara.

Uma vez finalizadas essas três etapas pertencentes ao primeiro ato de reconhecer, e com o cruzamento de todas as informações apresentadas até o presente momento, inicia-se o segundo ato metodológico, o evidenciar. Essa fase é a que marca o início das decisões acerca de quais serão os recortes particulares da paisagem, reconhecidos anteriormente, que



Figura 2. Tripulantes a bordo. Guilherme Rodrigues, 2019.

efetivamente virão a ser conformados enquanto dispositivos, além de relacioná-los entre si através de grupos de valores e características de interesses afins. Com a definição individual de cada um desses pontos, tem-se, portanto, a conformação do todo sob forma de complexo.

Por fim, o terceiro e último ato deste processo se estabelece a partir do vivenciar, no qual, após a definição de todos os pontos constituintes do complexo, dá-se início aos ensaios propositivos sobre as possibilidades de demarcação e identificação desses dispositivos propostos. Ou seja, de que modo é possível identificá-los como elementos integrantes do todo e, assim, atrair os interlocutores, permitindo que estes se aproximem e sejam capazes de experienciar cada um desses fragmentos particulares da paisagem destacados.

O entendimento dos valores presentes na Baía de Guanabara, os quais se pretende tornar visíveis e passíveis de reconhecimento por parte de toda e qualquer pessoa que vivenciar o complexo proposto, apoia-se no princípio defendido por Berque (1984) de que a paisagem é a interação entre homem e natureza, a partir de uma intenção ao longo do tempo. De acordo com essa premissa, a paisagem deve ser compreendida como expressão da relação entre



Figura 3. O cartão postal. Guilherme Rodrigues, 2019.

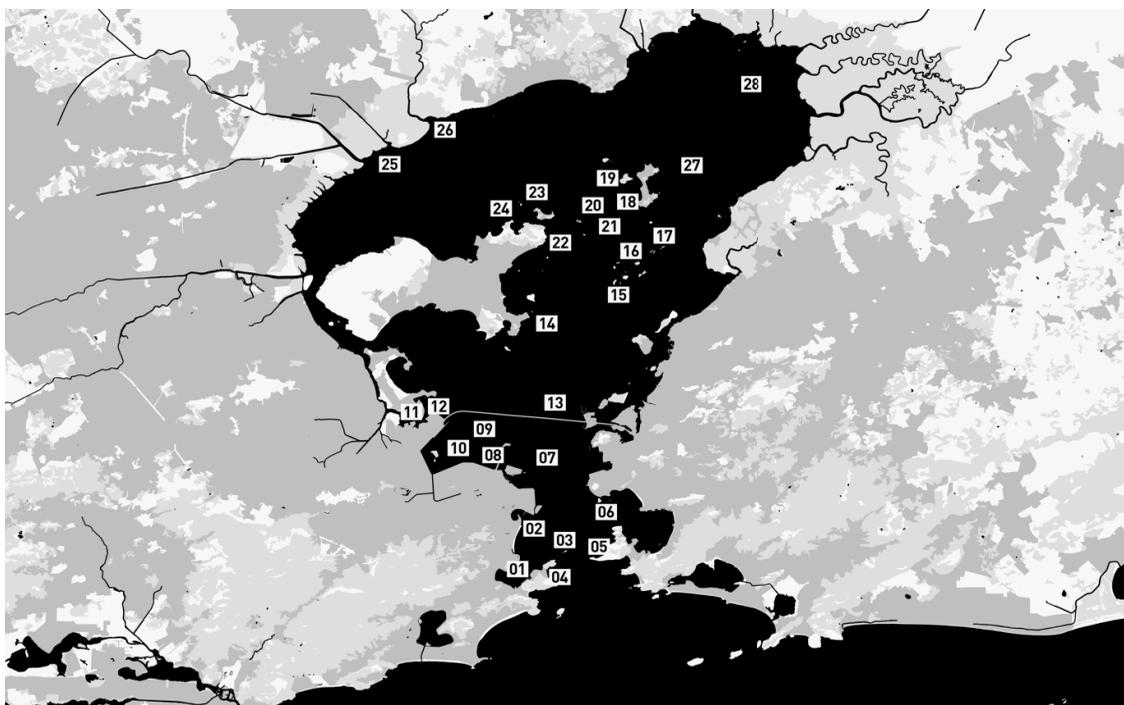


Figura 4. Mapa do complexo e seus 28 dispositivos. Guilherme Rodrigues, 2019.

natureza, espaço e a sociedade que a produziu. A percepção dos elementos que a compõem, junto à ação do homem que a vivencia, indicam marcas humanas nessa, e a maneira como um sujeito irá observá-la vai além do percebido e abarca o valor simbólico, incorporando a dimensão sensível, tanto na percepção quanto na ação.

De acordo com a metodologia desenvolvida pelo Observatório da Paisagem da Catalunha (2016), entende-se o estudo dos valores a partir da fragmentação deste em diversos grupos distintos, dentre os quais se optou por destacar: os produtivos, os infraestruturais, os culturais e os ambientais. Tais valores são atribuídos tanto pelos agentes que intervêm nessa paisagem, quanto pelas pessoas que a vivenciam. Os valores da paisagem são considerados desde todas as suas dimensões mediante uma ampla classificação, que busca atender a riqueza e diversidade das diferentes paisagens, reconhecidas ou desconhecidas, encontradas no interior e ao redor da Baía de Guanabara, resultados e resultantes das mais diversas ações realizadas em todo esse contexto.

Com base nos ensaios sobre a imaginação da matéria do elemento água, desenvolvidos por Bachelard (1942), almeja-se tentar encontrar, por trás das imagens práticas que se mostram, as imagens poéticas que se ocultam, indo à própria raiz da força imaginante. Não se trata de desmistificar as ilusões em torno do elemento, mas sim de imaginar, devanear através de imagens, a partir da água e, dessa maneira, traçar paralelos entre as imagens poéticas da água com seus significantes pragmáticos e funcionais, tais como: as águas correntes (bacia hidrográfica); as águas profundas (batimetria); as águas roubadas (aterros); as águas enfermas (poluição); e as águas passíveis (dinâmicas e usos); que, sobrepostas, resultam nas águas navegáveis (áreas permitidas e não permitidas).

De maneira análoga a Smithson (1967), durante a construção do percurso de reconhecimento pela Baía de Guanabara, a cada momento de identificação de um “entre ponto”, ou seja, de um recorte particular da paisagem que possui elementos tangíveis e intangíveis, é possível que se estabeleça uma relação sua com a passagem do tempo, que produziu marcas e deixou resquícios espaciais naquela paisagem. Através de registros feitos a partir de uma câmera, torna-se possível ler e sistematizar essa paisagem

através da fotografia, que não opera apenas como um simples registro ilustrativo ou descolado da narrativa, mas sim, como parte constituinte e igualmente protagonista na concepção do discurso, construindo, assim, o percurso de reconhecimento proposto. De fato, a obra de arte não se constitui através dos monumentos apresentados, mas sim, pelo olhar sobre eles.

Ensaio Projetual

Com base na intenção fundamental de aproximar o interlocutor da experiência de vivenciar as águas da Baía de Guanabara, sob as múltiplas lentes e perspectivas proporcionadas pelos seus mais diversos fragmentos, é que se esboçam possíveis desenhos com a intenção de tornar visíveis e identificáveis cada um dos 28 pontos atuantes como dispositivos desse grande complexo a céu aberto, que revela os valores dessa paisagem. Desse modo, fica aberta a livre possibilidade de aproximação, interpretação e experiência a qualquer pessoa que tiver a sua curiosidade despertada para aproximar-se do objeto em questão, a fim de desvendá-lo e compreendê-lo mais a fundo.

Ao aproximar-se de um dos dispositivos escolhidos, o interlocutor é convidado a desembarcar nessa plataforma flutuante e colocar-se nesse novo espaço habitável sobre as águas e, assim, se posicionar frente a esse recorte particular da paisagem, anteriormente oculto ou minimizado aos olhos da metrópole. Evidenciando essa paisagem sob o ponto de vista de uma experiência inédita, esse elemento de observação é capaz de comunicar determinados valores, apresentando uma breve elucidação sobre a sua história e significados.

Subordinando-se à localidade e as suas condicionantes de implantação, essa estrutura modular pode se modificar e assim, oferecer experiências uma certa diversidade de experiências ao interlocutor, sendo elas: visualizar esse dispositivo apenas de dentro do barco, ter a possibilidade de desembarcar e caminhar sobre a plataforma, e até mesmo percorrer verticalmente a própria estrutura.

É indicada ainda a necessidade de que a comunicação do projeto seja extensiva e eficaz, podendo ser estruturada através de um grande mapa do complexo, que estará presente em todos os dispositivos componentes do todo. Aliado a isso, pode-se também prever sua

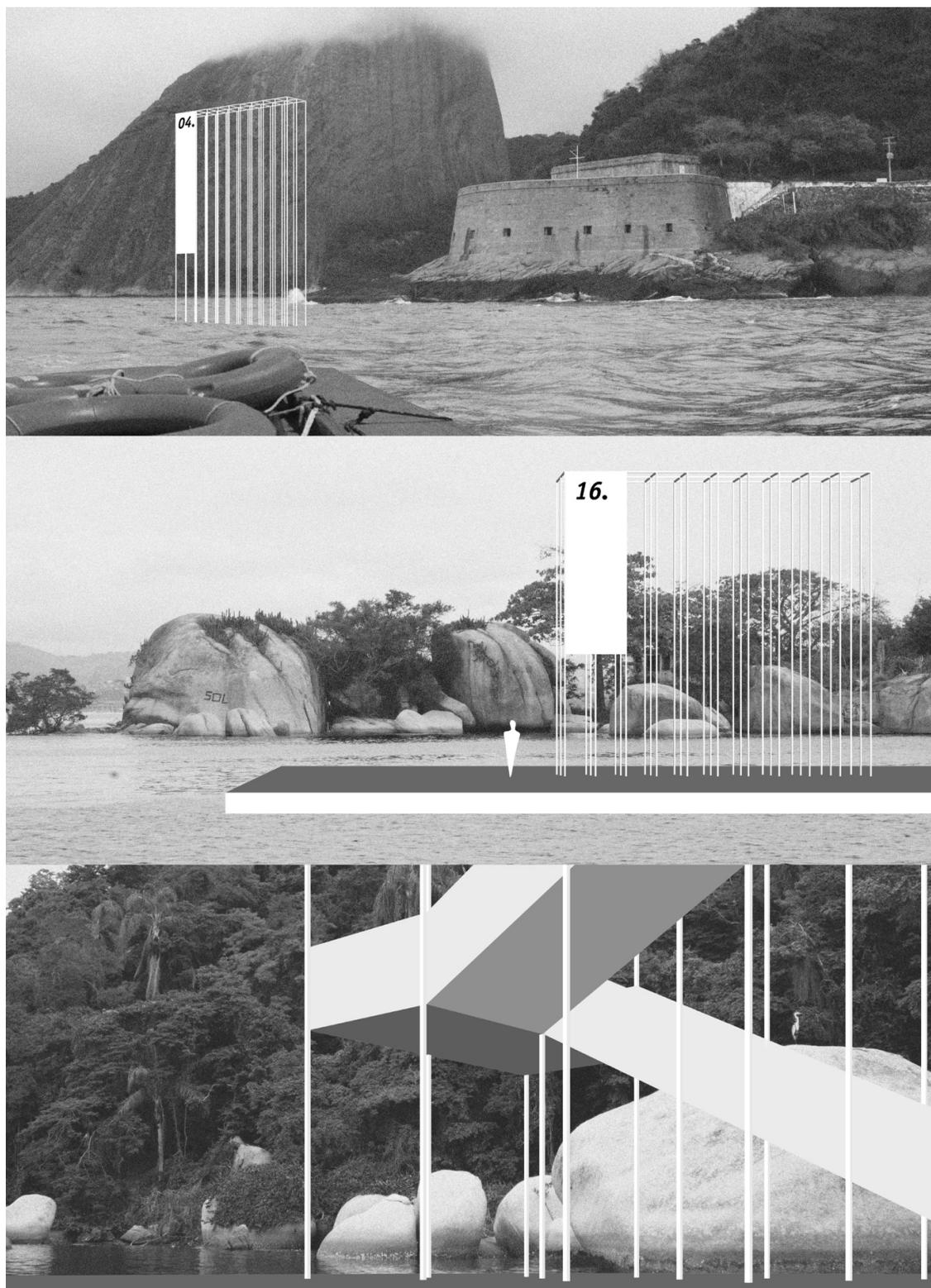


Figura 5. Colagens conceituais de ensaios para alguns pontos constituintes do complexo. Guilherme Rodrigues, 2020.

divulgação através de aplicativos e mídias digitais oficiais, bem como contar com a presença de campanhas físicas e de elementos de comunicação visual espalhados por vários outros pontos de interesse dentro da própria cidade.

Afirma-se ainda a importância em oferecer a possibilidade de que o interlocutor realize suas próprias escolhas dentro desse complexo, que serão induzidas ao passo que ele se sintam mais ou menos atraído pelos dispositivos identificados e por ele decodificados, o que abre espaço para o surgimento de múltiplos e dos mais abertos circuitos e combinações de percurso possíveis, variáveis de acordo com temas e valores de interesse afins para cada um desses indivíduos ou grupos.

Compreendendo que o território aquático da metrópole é extremamente restrito e com acesso dificultado, e na busca de viabilizar o acesso amplo e democrático a todos os interessados, considerando que na maioria dos casos essas pessoas não possuem autonomia para chegar a esses novos dispositivos, é que se faz necessária a mínima previsão de um sistema de transporte que seja capaz de atender a essa questão do acesso aos dispositivos, que só pode ser realizado através da água.

Por isso, imagina-se que junto a essas plataformas, seja possível contar com a presença de pescadores locais, associados e registrados sob uma regulamentação básica de gestão do complexo, que possam oferecer a possibilidade de livre tráfego dos usuários por entre esses pontos, de acordo com as suas manifestações de interesse. Dessa maneira, promove-se uma atividade econômica para essa classe que hoje já resiste e opera realizando esse tipo de serviço alternativo e informal. Ao mesmo tempo, amplia-se a capacidade de absorção de toda essa demanda de potenciais usuários que desejarem vivenciar essa experiência.

Por fim, espera-se que através das novas vivências permitidas e da experiência gerada no interior dessas águas, pelos dispositivos e percursos estruturantes deste complexo, todo e qualquer interlocutor possa sentir-se estimulado a estabelecer novos olhares sobre a paisagem das águas da Guanabara, fazendo com que ela assuma um papel de protagonismo e ativação no contexto da segunda maior metrópole brasileira.

Referências Bibliográficas

1. Augustin Berque, "Paisagem marca, paisagem matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural," em Paisagem, tempo e cultura (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998) 84-91.
2. Carla Ramôa Chaves, Mapeamento Participativo da Pesca Artesanal da Baía de Guanabara (Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011).
3. "Cartas Raster," Centro de Hidrografia da Marinha, Marinha do Brasil, acessado em set. de 2019, <https://www.marinha.mil.br/chm/dados-do-segnav/cartas-raster>.
4. Cynthia Tarrisse e Raquel Tardin, "Potencial do ordenamento sistêmico da paisagem ordinária em áreas de excepcional valor cultural e natural – Paraty/RJ," em Congresso ARQUISUR, ed. XXIII (Belo Horizonte: ARQUISUR, 2019).
5. David Zee, Ilhas cariocas (Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2018).
6. Emanuel Alencar, Baía de Guanabara: descaso e resistência (Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll/Mórula, 2016).
7. Elmo da Silva Amador, Bacia da Baía de Guanabara: características geoambientais, formação e ecossistemas (Rio de Janeiro: Interciência, 2012).
8. Elmo da Silva Amador, Baía de Guanabara: ocupação histórica e avaliação ambiental (Rio de Janeiro: Interciência, 2013).
9. Fábio Penna e Helena Rebello, "De que água é feito este Rio? Uma história muito além de sofás boiando, falta de saneamento básico e promessas olímpicas não cumpridas," Globo Esporte, acessado em sete. de 2019, <http://app.globoesporte.globo.com/olimpiadas/baia-de-guanabara/>.
10. Gaston Bachelard, A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria (São Paulo: Martins Fontes, 2002).
11. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Portaria no. 127 de 30 de abril de 2009: Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira (Brasília: Governo Federal, 2009).
12. Observatorio del Paisaje de Cataluña, Los catálogos de paisaje de Catalunya: Metodología. (Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2016).
13. Raquel Tardin, Análise, ordenação e projeto da paisagem: uma abordagem sistêmica (Rio de Janeiro: RioBooks/PROURB, 2018) 163-237.
14. Robert Smithson, "Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey," Revista Arte & Ensaios, no. 19, (Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, 2009) 162-167.